

EccoS revista científica
Centro Universitario Nove de Julho
eccos@uninove.br
ISSN (Versión impresa): 1517-1949
BRASIL

2000
Eduardo Santos
RESEÑA DE "A GEOGRAFIA CULTURAL" DE PAUL CLAVAL
EccoS revista científica, junio, año/vol. 2, número 001
Centro Universitario Nove de Julho
São Paulo, Brasil
pp. 101-104

Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal

Universidad Autónoma del Estado de México

<http://redalyc.uaemex.mx>



CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

A CONTRIBUIÇÃO DA GEOGRAFIA CULTURAL PARA A
COMPREENSÃO DO MUNDO COMPLEXO

*Eduardo Santos**

*Sociólogo, mestrando em Geografia Humana (USP) e editor assistente de *EccoS*.

Desde seus primórdios, quando se dedicou a estudar o espaço físico e este em sua interação com as populações e suas instituições, a Geografia vem procurando, incessantemente, ‘afinar’ seus instrumentos de pesquisa e análise para dar à luz novas interpretações, mais consentâneas e sempre científicas. Decorre desta postura a criação dos conceitos de território e de humanização das paisagens, com seus significados especiais para a Geografia.

Neste livro, *Paul Claval* refaz o itinerário epistemológico de um ramo da ciência geográfica, a *geografia cultural*, cujas origens remontam às décadas finais do século passado, na Alemanha, a partir do conceito de *Culturgeographie* cunhado por *Ratzel* e dos desdobramentos posteriores que advêm da contribuição de diversos pensadores, geógrafos ou não – Vidal de la Blache, Schluter, Brunhes, Laplace, Eduard Hahn, Sauer, entre outros. São estes desdobramentos que irão conferir

distinção à geografia cultural no âmbito da Geografia Humana.

O autor destaca as inflexões que a ciência geográfica foi sofrendo ao longo do tempo, por força não só do aprimoramento de seus instrumentos de pesquisa, mas também e principalmente como função dos processos de difusão das técnicas de produção, da ampliação dos sistemas de transporte e de comunicação, do incremento dos movimentos migratórios e, mais recentemente, dos impactos sobre a atividade e o pensamento científicos resultantes do processo genericamente denominado de globalização.

Ao lado destes fenômenos, a sua contraface: a emergência de reações cada vez mais contundentes de afirmação cultural de povos, lugares, etnias – repondo a discussão sobre identidades culturais que teimam em não se reorganizar a partir de uma escala não mais local, mas agora global. Afinal, a cultura é um fator essencial de diferenciação social, e

estas diferenças geram suas marcas no ecúmeno.

É importante observar que o avanço da Geografia Cultural muito deve aos suportes teóricos e metodológicos de diversas outras disciplinas, como a Etnologia, a Etnografia, a Antropologia, a História Social, e até mesmo a Psicologia, além dos diversos campos do conhecimento ligados às ciências naturais. O próprio Ratzel evoluiu dos estudos de história natural para a Geografia e se valeu de suas relações muito próximas com a Zoologia, como também revelou, em sua produção, a influência dos trabalhos de etnografia local e das pesquisas dos folcloristas suíços que tematizaram o hábitat e as técnicas do mundo rural. Carl Sauer, criador da Escola de Berkeley, na Califórnia, estabeleceu relação bastante produtiva com a Antropologia para desenvolver trabalhos de campo junto às populações indígenas dos EUA e do México, entre 1922 e 1957.

Saliente-se também que, da última metade do século passado até pelo menos as décadas iniciais deste, a quase totalidade da comunidade científica atuava sob o impacto do determinismo subjacente à obra de *Darwin - A Origem das Espécies*. Deve-se a Eduard Hahn, segundo o autor, a interpretação inovadora sobre o papel das atitudes

e crenças religiosas nas relações dos animais domésticos com as formas de economia, já pelos idos de 1896. Essa abordagem representou um libelo dirigido contra as imposições teóricas dominantes orientadas pelo *darwinismo social* vigente à época.

Pode-se dizer, com base nas observações de *Claval*, que faltava à Geografia a observação participante do antropólogo, a obsessão descritiva do etnólogo, a atenção às dimensões inconscientes do psicólogo, a reconstituição factual do historiador...enfim, a necessidade de extrair conseqüências mais profundas do diálogo entre as Ciências Humanas. Entre outros motivos, este diálogo foi fundamental para explicar os motivos e origens das diferentes formas de ocupação do espaço, mesmo quando se assemelham os desafios impostos pelo ambiente físico – clima, relevo, vegetação, recursos disponíveis. Tratava-se de um encontro de olhares, liderado em grande parte pelo acaso e pelas necessidades do pesquisador na tentativa de apreender amplamente seu objeto.

O fato é que o recurso à interdisciplinaridade ampliou o escopo analítico da ciência geográfica, levando-a, gradativamente, a migrar do naturalismo que embasou seu nascimento ao conceito de ‘gêneros de vida’ e, mais adiante, ao

das ‘representações’, propiciando, neste último movimento, o foco analítico específico que instituiu a Geografia Cultural. No conceito de ‘gêneros de vida’ buscava-se compreender a dinâmica dos reflexos do fazer humano nas paisagens, entendendo, como *Vidal de La Blache* e o próprio *Ratzel*, que “a cultura (...) é aquilo que se interpõe entre o homem e o meio e humaniza as paisagens. Mas é também uma estrutura geralmente estável de comportamentos que cabe descrever e explicar” (p. 35). A partir desta citação, observam-se ampliações e limites de natureza epistemológica. Verifica-se, por um lado, um avanço para além da concepção naturalista, pela especial atenção dedicada a aspectos comportamentais. Esta forma de abordagem do objeto foi estimulante para o trabalho do geógrafo, já que permitiu desenvolver a sensibilidade para a humanização das paisagens e para a compreensão do papel dos elementos culturais na conformação dos espaços físicos. Por outro lado, levou o pesquisador a centrar sua observação nos suportes materiais que mediavam as relações dos grupos com o espaço, conferindo uma quase exclusividade às dimensões vinculadas aos mundos da economia e do trabalho – uma geografia econômica do espaço, por assim dizer. Isso não conferia precisão à análise da realidade de agrupamentos

populacionais que, na sua relação com o espaço – muitas vezes com o mesmo tipo de espaço físico – guiavam-se por conteúdos simbólicos distintos e, por esse motivo, nele imprimiam as marcas distintivas *das culturas*.

No entanto, é só no âmbito das transformações tecnológicas, econômicas, sociais, culturais e políticas que ganham velocidade no pós-guerra, no enfraquecimento das diferenciações estritas entre cidade e campo, na enorme complexidade ensejada pelas concentrações e migrações humanas, na velocidade impressa pelo desenvolvimento das comunicações e dos transportes que este diálogo passa a ser obrigatório, se o que se quer é obter uma apreensão mais arguta da realidade social / espacial.

É a partir deste momento, enfim, que a cultura passa a representar um foro privilegiado de análise, ganhando uma autonomia relativa, cristalizada no conceito de representações culturais. Trata-se da idéia de humanização das paisagens levada às últimas conseqüências, captando as dimensões simbólicas e psicológicas que orientam a ação humana e imprimem sua marca na paisagem. Ocorre que estas não se apresentam objetivamente ao pesquisador por meio dos instrumentos e técnicas que medeiam a relação homem / meio, a despeito de serem, todos eles e em última análise, informados pela cultura.

Certas concepções vinculadas às relações com o universo, a tradições clônicas, a formas específicas de valorização da arte, a mitos de origem, a interpretações religiosas, a noções de espaços sagrados – representam dimensões que exercem significativa influência nas relações que os homens estabelecem com o espaço e impõem um campo investigativo próprio, a partir do qual a Geografia Cultural se construiu.

As transformações técnicas e culturais que estão na raiz dos processos que, atualmente, orientam globalmente as relações pessoais, sociais e institucionais em todo o mundo, vêm sendo estudadas por diversas disciplinas científicas, que mobilizam seu arsenal teórico-conceitual e metodológico para buscar a compreensão e, quiçá, a antevisão do ritmo, do perfil e dos impactos que possam trazer para os habitantes do mundo contemporâneo. A Geografia Cultural, *“aparentemente condenada ao declínio da uniformização técnica, reencontra seu*

dinamismo, ligando-se às representações e aos sentimentos de identidade que lhe estão vinculados.”(p.17) A contribuição deste segmento da Geografia está na sua capacidade de incorporar conteúdos simbólicos fundamentais que levam homens e grupos a valorar suas ações e relações – com o espaço e com outros homens – sob diferentes formas, realçando o papel simbólico da cultura.

O extenso currículo acadêmico de *Paul Claval* como pesquisador, professor e conferencista, e sua preocupação de explorar os laços da Geografia com outros campos das Ciências Sociais contribuem para ampliar nosso entendimento sobre as complexas dinâmicas culturais e psicológicas que atuam nas relações que os homens estabelecem com o meio. Mais do que isso, levam-nos a perceber com mais clareza o trabalho histórico do homem na construção de sua morada no espaço Terra.